

## Espaço de experiência e horizonte de expectativa do livro enquanto artefato histórico e de design

*Experience space and expectation horizon of the book as a historical and design artifact*

MARTINS, Vagner Basqueroto; Mestre; Universidade Estadual de Maringá  
vbmartins2@uem.br

ARRUDA, Gilmar; Doutor; Universidade Estadual de Londrina  
garruda@uel.br

FORCATO, Marcelo dos Santos; Doutor; Universidade Estadual de Maringá  
msforcato2@uem.br

DALBERTO, Anelise Guadagnin; Mestre; Universidade Estadual de Maringá  
agdalberto2@uem.br

Este artigo é o recorte de um projeto, que busca o entendimento sobre a relação de significado do livro, na perspectiva de conceitos relativos ao Design e História. Tendo em vista, que o livro, é um artefato de design, que ao longo da história, foi sofrendo uma série de desenvolvimentos e mudanças que podem ser vistas a todo o momento na contemporaneidade, saindo das gravações em pedras, madeiras, tecidos e carcaças de animais, para o papiro, pergaminho, papel, e sendo desmaterializado com o livro digital. Quanto aos formatos, já passou por tiras, rolos, foi enrolado, dobrado e amarrado com fios de seda, até a criação do códice, formato que utilizamos na atualidade e novamente, podemos citar os livros digitais, que mesmo preservando características do livro impresso, não se utiliza mais da mesma forma, ou suporte, o que pode significar uma ruptura nessa relação entre o objeto e as pessoas.

**Palavras-chave:** Design do livro; Espaço de experiência; Horizonte de expectativa.

*This article is part of a project that seeks to understand the relationship of meaning in the book, from the perspective of concepts related to Design and History. Bearing in mind that the book is an artifact of design, which throughout history has undergone a series of developments and changes that can be seen at all times in contemporaneity, leaving the engravings on stones, wood, fabrics and animals carcasses, to papyrus, parchment, paper, and being dematerialized with digital book. As for the formats, it has gone through strips, rolls, was rolled, folded and tied with silk threads, until the creation of the codex, a format that we use today and again, we can mention the e-book, which even preserving the characteristics of the printed book, it's no longer used in the same way, or support, which can mean a rupture in this relationship between the object and the people.*

**Keywords:** Book design; Experience space; Expectation horizon.

## 1 Introdução

Dentre as diversas facetas da humanidade, aquelas que transmitem informação e conhecimento, estão entre as que se pode considerar como essenciais, especialmente as relacionadas com a comunicação, tendo em vista que o desenvolvimento humano é pautado por ela formando o conhecimento existente. Assim, é possível verificar que durante uma boa parte da evolução humana, sob a ótica dos aspectos tecnológicos e comunicacionais, o conhecimento foi repassado de forma oral, e a partir do desenvolvimento da escrita, as informações puderam ser consolidadas de tal forma, possibilitando que o conhecimento pudesse ser levado para diferentes partes e grupos no mundo.

Assim, o livro é um artefato que independente de seu formato, que ao longo da história humana já foram muitos, se estabeleceu como um artefato fundamental na transmissão de conhecimentos, pois, segundo Santaella (2012), une imagens e palavras, de modo a facilitar a comunicação de forma mais completa, para a absorção de informações com a utilização da junção entre texto e imagem.

O livro, de acordo com Hansen (2019), já teve inúmeras definições, sob diferentes pontos de vista, uma vez que o mesmo é considerado um objeto complexo e que envolve um emaranhado de possibilidades a depender do objetivo de tal definição. Mas ainda assim, é possível entender o livro enquanto artefato, de forma a o considerar “não como um objeto natural, mas artificial, material e simbólico” (HANSEN, p. 07, 2019).

O livro, portanto, possui uma série de relações às quais está sujeito ao longo da história, desde sua criação, até a contemporaneidade, nas diferentes formas que existiu, em objetivos e importâncias, conforme cada tempo no qual tem estado presente. Além de suas relações com áreas do desenvolvimento humano, que contribuíram com as mudanças pelas quais passou ao longo dos anos. Assim, nessa ideia de correlações, é fundamental que possamos entender alguns outros aspectos intrinsecamente ligados ao livro, como o Design, a Semiótica, o Leitor e um mais recente, o Mercado Editorial, como conhecemos na atualidade.

Necessário, então, definir os conceitos citados. Sobre design, encontramos diversas definições, seja pela origem latina da palavra “designare” (CARDOSO, 2004), ou mesmo de sua origem imediata do inglês que o relaciona como projeto, em tradução livre. Mas algo que merece atenção é a razão pela qual existe, que está em seu objetivo, o de solucionar um problema, seja de ordem prática, estética ou simbólica, corroborando de forma útil com os conceitos elaborados por Löbach (2001). Já a semiótica traz o fio condutor ao processo de articulação construtiva de um sistema de significação, ou seja, é a ciência que estuda a formulação do significado das coisas para alguém em algum lugar, em um determinado momento, sejam objetos, conceitos ou formas de entendimento. Assim, é possível compreender resultados de design como portadores de significações, que integram os processos de comunicação de mensagem (NIEMEYER, 2007).

Já o leitor, segundo o Instituto Pró Livro (2019), na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, acerca dos hábitos de leitura da população brasileira adulta, define o leitor como a pessoa que leu, inteiro ou em partes, ao menos um livro em um espaço de tempo. Mas ainda é possível trazer uma definição mais abrangente, no sentido de que é alguém que lê para si, mentalmente, ou para outra pessoa, em voz alta, textos escritos.

E ainda, entende-se o conceito de mercado editorial como o conjunto de atores envolvidos na criação e desenvolvimento do livro, assim como sua produção, comercialização e consumo em si. Dessa forma, é possível elencar escritores, leitores, designers, ilustradores, revisores, editoras, gráficas, livrarias, papelarias, instituições, escolas, universidades e governo, como atores envolvidos no processo do livro. E a partir de um conjunto de conceitos que permeia o livro, temos ainda, uma área que inicialmente, poderia não fazer parte dessa discussão, mas que é de fundamental importância para este artigo, que é a História, uma área do conhecimento que trata justamente, das formas de se contar o ocorrido, de maneira a possibilitar que possamos entender em que ponto algo está, e para onde se pode ir.

Quanto ao diálogo com a história, utilizaremos aqui as discussões propostas por Prost (2008) quanto aos métodos da escrita da historiografia, bem como, as considerações propostas por Koselleck (2006; 2014), sob a perspectiva de sua discussão entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa. Também, procuraremos dialogar com as análises sobre a ideia de tempo e temporalidade tratada por Pomian (1993), de modo a estabelecer aspectos relevantes sobre o artefato livro.

## 2 A relação entre design, história e significado

Este artigo é parte de estudos e pesquisas nas relações entre design, mais especificamente o editorial, a partir da correlação com conceitos da história e sobre o tempo, além da semiótica. Assim, surge a ideia de se entender qual a visão e relação das pessoas e atores (leitores, designers, editoras, gráficas e mercado editorial) com o artefato denominado livro.

Outro aspecto que pode ser elencado aqui, é o interesse em compreender as constantes mudanças as quais o livro vem sendo exposto ao longo do tempo, com especial atenção para o período inicial do século atual, o XXI, pensando no período que compreende os anos entre 2000 e 2020, nos quais diversas mudanças tecnológicas, técnicas, econômicas e sociais puderam ser observadas no processo de criação, desenvolvimento, comercialização e uso do livro. O que traz consigo também, indagações com relação ao seu significado nesse processo, e como ocorrem as relações entre os atores e livros.

Dessa forma, através do recorte de um projeto que busca o entendimento sobre a relação de significado do livro na perspectiva de conceitos relativos ao Design e História, busca-se articular os argumentos elencados anteriormente, de maneira a funcionar também como uma discussão reflexiva e esquemática, para que profissionais possam entender melhor o artefato em si, assim como quem o irá desenvolver ou manusear, e dessa forma, possibilitar que sejam evidenciados aspectos que possam trazer ganhos para as pessoas, em sua interação com o artefato livro, tal qual a cadeia produtiva em que o artefato está inserido.

O conhecimento é uma das características mais importantes da humanidade, sendo transmitido por gerações, antes de forma oral e, posteriormente, por mais de dois milênios, através de artefatos manuscritos ou impressos que o pudessem armazenar de maneira a conservar as informações (LYONS, 2011). Dessa maneira, a forma na qual o conhecimento é armazenado e transmitido entre as pessoas e pelo tempo é de extrema importância. Considerando o livro como um reconhecido instrumento do armazenamento e difusão do conhecimento e do saber, esse artefato foi e é um dos objetos mais utilizados pela humanidade ao longo da história para este fim.

Como afirma Hallewell (2017), o livro serve como subsídio ou matéria para a expressão literária de questões culturais e ideológicas ao longo da história. Dessa forma, acaba sofrendo

a influência de aspectos gráficos, que consistem na fusão entre a estética e a tecnologia de produção disponível, assim como de matérias-primas (isso para livros físicos) utilizadas nessa produção.

Também é possível verificar, no processo de venda, um outro aspecto ao qual o livro está sujeito, que estabelece um processo comercial baseado por condições geográficas, econômicas, educacionais, sociais e políticas no contexto onde sua publicação e utilização acontece. Mas a partir dos avanços tecnológicos que vêm sendo vivenciados na atualidade, vem sofrendo inúmeras influências, como é o caso da migração das lojas e livros físicos para o meio digital.

Além dos aspectos relacionados à transmissão do conhecimento, sendo o livro um artefato da área técnica, conceitual, acadêmica ou de entretenimento, o mesmo possui ainda conotações relacionadas à interação e interpretação do usuário com o objeto físico e/ou digital. Esta relação é responsável por desencadear sensações no decorrer de sua utilização (ROGERS; SHARP; PREECE, 2013).

Pode-se ainda destacar que o livro se caracteriza como um objeto artificial e simbólico. Artificial pois reúne uma série de matérias-primas em sua composição e passa por processos industriais. Simbólico pelo fato de conter em si, informações que servem para alguém, para algum objetivo, num certo contexto geográfico e temporal, trazendo uma imensidão de interpretações e utilidades (HANSEN, 2019). Dessa forma, pode-se trazer uma correlação com o conceito de espaço de experiência e horizonte de expectativa, trazido por Koselleck (2014), no qual, em períodos mais longos acontecem os espaços de experiência, como com a utilização dos livros por clérigos e nobreza e, posteriormente, com a popularização através dos tipos móveis e imprensa. O que acaba gerando os possíveis horizontes de expectativas com relação ao que será o artefato livro, a partir da experiência vivida, inicialmente por indivíduos e posteriormente, por grandes grupos.

Assim, durante toda a sua história e evolução, partindo dos papiros, rolos de couro animal, invenção do papel e utilização do *códex*, o livro é um artefato que tem passado por transformações. Seja pelo formato, pela forma de produção, que durante séculos era de domínio da igreja, ou pequenos grupos de realezas ou da aristocracia europeia, ou ainda pelo acesso das informações no idioma de cada localidade (LYONS, 2011). E por fim, chegou-se nos livros digitais, os quais possuem como maior apelo, a possibilidade e praticidade de serem armazenados e acessados a partir de um aparelho móvel, como um *smartphone* ou *tablet*, sendo todas estas realidades virtuais (MARTINS, 2016).

As mudanças relatadas trouxeram consigo uma série de transformações na maneira como as pessoas se relacionam com o livro, uma vez que para cada formato utilizado para o armazenamento dos textos ocorre um gestual específico, assim como o próprio significado do objeto, de acordo com seu tamanho, assunto e materiais utilizados (TSCHICHOLD, 2007). O que traz o pensamento sobre o lugar ocupado pelo artefato e de onde ocorre seu manuseio (biblioteca, livraria, público, privado, físico, digital).

Assim, é possível fazer uma relação de significado para o livro, uma vez que perante a pessoa que o manuseia e interage, existe a geração de experiência e o estabelecimento de ligações além daquilo que é tangível. Portanto, o livro, por todos os aspectos mencionados, pode ser visto como um signo, uma vez que gera significado para alguém em um determinado contexto. Dessa forma, tal ideia pode ser corroborada com os conceitos trazidos por Santaella (2018), no qual a autora traz uma série de conceitos e aplicações relacionadas ao signo, como sua

utilização para simbolizar um conceito ou aspectos específicos, como autoridade, lei, dentre outras possibilidades.

Seguindo com o raciocínio, é possível entender que as transformações ocorridas na forma de se armazenar informações e de se relacionar com os artefatos que carregam o conhecimento geraram novas formas de significação do livro, tanto para os usuários, como para as empresas que o produzem e profissionais que os desenvolvem. Assim, autores, leitores, designers, tipógrafos, gráficas, editoras, lojas (físicas e on-line), e demais atores que podem estar envolvidos no processo do livro, enquanto artefato que possui valor e que faz parte da chamada cultura material, como aponta Cardoso (2016), estabelecem ligações distintas com as pessoas, que sofrem influência de aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos.

Além disso, o livro traz consigo a capacidade de produzir sensações, estabelecer e promover a imaginação, através dos conteúdos elaborados e colocados minuciosamente em suas páginas. Isto também ocorre por meio do projeto gráfico, da diagramação e da escolha das cores, tipografias, imagens e elementos gráficos que irão fazer parte do artefato, especialmente de sua edição, como é comumente chamada no meio editorial (HENDEL, 2006).

Dessa forma também, é importante pensar nos materiais e processos de fabricação do artefato, pois esses aspectos todos irão influenciar justamente a interação e consequente resultado daquilo com o que se teve contato no livro. A visão, o tato, o olfato, a cognição, todos são afetados pelas características do livro (MARTINS FILHO, 2008). Mesmo que em livros digitais as sensações não sejam exatamente as mesmas, é possível entender que a experiência de interação (contato, significados e a própria forma de leitura), pode nos levar a, ao menos, imaginar tais sensações.

A partir do exposto, aliado às constantes mudanças as quais o livro vem sendo submetido ao longo da história humana (sob a perspectiva técnica, tecnológica, social, de usos e comercial), evidencia-se a necessidade de entender como os aspectos e características que compõem o artefato, assim como a relação entre profissionais, mercado e leitores acontece, isso sob a ótica de conceitos e práticas do design, da semiótica e da história.

### **3 Resgate histórico e correlações do livro**

Vale ressaltar que a história, ou histórias, podem ser contadas de inúmeras formas, pontos de vistas e objetivos que podem contribuir para que um caminho seja alterado, que fatos possam ser observados ou entendidos de uma determinada maneira, ou para que decisões aconteçam num sentido distinto. Ainda assim, podemos entender, que existem formas de se realizar a historiografia, que por vezes, podem ser mais filosóficas, e em outros momentos, didática. Dessa forma, o que se pretende aqui, é trazer de forma combinada, um apanhado mais livre, no sentido de intercalar um resgate histórico do livro, quanto a sua evolução, assim como, contextos, usos e relações entre as pessoas e o artefato.

Para demonstrar, brevemente, a importância do livro ao longo da história, podemos citar Lyons (2011) que nos traz “o livro provou ser uma das tecnologias mais úteis, versáteis e duradouras da história”. Basta olhar para uma série de fatos históricos marcantes da humanidade, especialmente no ocidente, no qual existe o protagonismo do livro.

O Renascimento, a Reforma, a Revolução Científica e o Iluminismo, foram pautados na palavra impressa, de modo a marcar e influenciar a humanidade sob a forma do livro, que durante mais de dois milênios, seja de maneira manuscrita ou impressa vem sendo usado para armazenar e difundir informações, opiniões, saberes e tradições das mais diversas, desde as

filosofias, religiões ou processos, técnicas ou métodos de diversas áreas do conhecimento (LYONS, 2011).

E é justamente o conhecimento um dos principais símbolos ao qual o livro remete, de forma a contribuir com o aprendizado, formação de identidades, sejam individuais ou mesmo de grupos e nações, uma vez que através de seus conteúdos e forma estrutural, física, trazem consigo interações e simbolismos, algo que a Semiótica pode ajudar a entender.

Nesse sentido, utilizando uma comparação, que talvez possa contribuir no entendimento do simbolismo do livro, pode-se utilizar um filme, "O livro de Eli", de 2010, que conta a história de um viajante em um mundo distópico, pós-apocalíptico no qual não existem livros, e o poder é de quem possui o conhecimento. O que no filme, pode ser encarnado de maneira física, no livro que Eli carrega, que se torna foco de desejo de um líder déspota que busca governar, sob o ritmo da ignorância.

O filme, traz uma série de referências visuais e estéticas que contribuem para que a narrativa e mistério em torno do livro "sagrado" seja maior e independente do gênero do filme. É algo que pode ser facilmente visto em nossa sociedade, ao longo da história, em governos autoritários, especialmente quando livros e livros foram queimados justamente por serem símbolos revolucionários que poderiam ser utilizados para que revoltas pudessem existir, interferindo na continuidade de poder.

Assim, baseado nas teorias desenvolvidas na Semiótica, o símbolo é algo que conceitualmente representa algo, como no exemplo, o livro, que representa o conhecimento, que por sua vez, pode significar liberdade, poder, possibilidade, etc., a depender da interpretação de cada pessoa, através de seus repertórios culturais e de conhecimento (NIEMEYER, 2007). Nesse sentido ainda, as três grandes religiões da humanidade, o cristianismo, o judaísmo e o islamismo, são pautadas em grande parte, por livros sagrados, a bíblia, a torá e o alcorão, respectivamente, nos quais são trazidos os preceitos, ensinamentos e revelações à humanidade.

Outros exemplos mais recentes na história humana é a quantidade de livros, que de alguma forma, foram adaptados para o teatro, cinema, televisão e mais atualmente, serviços de streaming, e ainda com a possibilidade de gerarem projetos transmídia ou como também pode ser conhecido o conceito, cultura da convergência, que segundo Jenkins (2009), é o fenômeno que se utiliza da convergência dos meios de comunicação para construir um universo próprio a partir de uma obra.

Pode-se facilmente citar diversos exemplos que podem ajudar a entender o que pode significar cultura da convergência, como os filmes Matrix (1999), Star Wars (1978), Senhor dos Anéis (2001), Harry Potter (2001), que geraram uma série de outros títulos, jogos, franquias e uma infinidade de produtos amplamente consumidos ao redor do mundo, em diferentes culturas e grupos da sociedade.

Observemos, agora, uma breve aproximação histórica da presença do livro ao longo da história humana, desde o surgimento da escrita no mundo antigo. Na antiguidade, a leitura e a escrita, se restringia a um pequeno grupo composto geralmente por pessoas da alta classe das sociedades, como famílias imperiais, burocratas e escribas. Como no Egito, em que apenas 1% da população sabia escrever, sendo restrito ao faraó, líderes militares e pessoas que administravam o reino. Era comum, em sociedades antigas, o uso de cascas de árvores, folhas de algumas plantas, madeira, argila, papiro, bambu, seda e até mesmo carcaças de tartarugas para se escrever e preservar informações e saberes.

Na China nasce o papel que, posteriormente, mesmo depois de enfrentar resistência na Europa, viria a se tornar o principal material de suporte para o livro (FEBVRE, 2019). Os gregos inventaram um alfabeto que trouxe influência para o mundo, já os romanos, foram talvez, o povo que conseguiu usufruir de um alto índice de alfabetismo, o que garantiu um alto poder de penetração e administrabilidade, com um sistema jurídico e militar que dominou um amplo território, o que foi lentamente entrando em declínio, e entrou em ruína com a chegada da Idade das Trevas, resultado das invasões "bárbaras" e vikings.

Tal processo ocasionou no declínio do alfabetismo e o início da utilização em maior escala do código (conteúdo disposto em páginas sequenciais, como pode ser visto na atualidade), ao invés do rolo, assim como, a leitura silenciosa, em detrimento da em voz alta (LYONS, 2011).

Assim, através de uma série de experimentos, os avanços tecnológicos puderam ser vistos de forma mais latente, através da invenção da imprensa por Gutenberg na década de 1440, como integrante de um conjunto de pessoas que, apoiados por investidores, puderam atender a uma demanda por livros que só aumentava. Ainda assim, mesmo com a criação da imprensa, o processo era caro devido ao custo e métodos de produção do papel que utilizava processos e matéria-prima dos árabes a partir de trapos e tecidos descartados, o que resultou em mais de 500 anos de poucas mudanças físicas no livro (LYONS, 2011).

Além disso, o livro, enquanto artefato, era visto como algo subversivo, que poderia "poluir" e corromper a mente das pessoas, devido a possibilidade de serem espalhadas mentiras, ou teorias que poderiam ser contrárias aos interesses dos governos, burocratas e militares, ou seja, contra quem estivesse no poder.

Já o Séc. XVIII, as línguas nacionais foram substituindo o latim, como a língua comum para as publicações, as quais eram consumidas pelas pessoas instruídas em todas as partes do mundo, assim como o Iluminismo e as massas, com a expansão da produção dos livros, especialmente na Europa ocidental, após 1750 com um aumento gradativo nos índices de alfabetismo, criando um grande número de leitores, com atenção aos centros urbanos. Mas com tal desenvolvimento, veio também a censura e controle daquilo que era produzido, o que fez com que impressores e editores encontrassem meios de fazer com que seus livros pudessem ser consumidos, possibilitando que gêneros distintos surgessem, como de ficção e romances.

Embora nas áreas rurais ainda era mais evidente a preferência por livros religiosos, e até mesmo, com métodos mais tradicionais, como dos livros copiados um a um, em 1789 acontece algo que trouxe uma série de desdobramentos, tanto para as pessoas do campo como para as das cidades, a Revolução Francesa, que fez com que entre outros aspectos, que o mercado editorial pudesse usufruir de uma liberdade sem precedente (LYONS, 2011).

E no Séc. XIX, na Europa ocidental, surge a figura do editor, especialista e empresário, de forma a distinguir as atividades de publicação, impressão e venda de livros. O editor era alguém que organizava as finanças, cuidava do conjunto de autores e estabelecia as estratégias de marketing. Mas ainda que se visse o crescimento cada dia maior de leitores, o que se configurava como uma oportunidade de negócios, ainda assim, era vista, também, como uma ameaça ao poder que era perpetuado pela ignorância (LYONS, 2011).

Na sequência, no Séc. XX, que em sua primeira metade, foi marcado por um período sombrio de forma mundial, com a I Guerra Mundial (1914-1918) e II Guerra Mundial (1939-1945), colapso econômico (Quebra da Bolsa de Nova Iorque 1929), o que, voltando a análise, trouxe influências para a produção do livro também, com o alto custo do papel, da mão de obra e sobre o próprio acesso e prioridades das pessoas.

Assim, pode-se perceber de maneira rápida, a presença e usos do livro ao longo da história humana e suas relações, contextos e da interação das pessoas com o artefato. Posteriormente, não abordamos ainda, o período da segunda metade do Séc. XX e início do Séc. XXI.

Tal procedimento é proposital, devido ao fato de ser uma época, onde os avanços tecnológicos aconteceram de maneira como se a velocidade estivesse multiplicada, mesmo que possamos ver isso em perspectiva, como se o tempo passasse mais rápido, fazendo com que o espaço de experiência, como formula Koselleck (2014), possa ser percebido de maneira distinta entre povos, mas que de alguma forma, ele aconteça em um certo grau, parecido ao redor do planeta, uma vez que a partir de certos pontos, pode-se entender que um avanço ocorrido na Europa ocidental, pode afetar a vida na América do Sul, assim, como determinados procedimentos, que acontecem no Oriente médio, trazem efeitos para países da Oceania.

Desta forma, pode-se verificar que a história, e mais especificamente, voltemos ao objeto livro, enquanto artefato histórico e que carrega histórias, pode ser entendido como Prost (2008, p. 93) coloca, que “A questão do historiador deve situar-se, assim, entre o mais subjetivo e o mais objetivo.”. O que nos traz as questões que se pretende evidenciar no presente artigo, que na construção do livro, no envolvimento de todos os aspectos que o cercam, existem as questões subjetivas que são, por vezes, difíceis de serem definidas, pois podem variar de pessoa para pessoa, assim como para diferentes grupos, que aqui, podem ser caracterizados, como leitores, designers, editoras, gráficas e o mercado editorial, no sentido de que, sob a ótica de cada um desses atores, tragam suas impressões e interações específicas.

E as questões objetivas, que usualmente tem conexão com a construção física, no uso de determinados materiais e processos produtivos, da logística e do desenvolvimento de públicos-leitores, assim como do mercado editorial em si. Dessa maneira, ainda partindo sob a argumentação de Prost (2008), a diferença entre a questão do historiador, se comparado a de sociólogos e etnólogos, está em uma dimensão diacrônica, ou seja, no estudo de determinadas situações, ou do conjunto delas, de acordo com sua evolução no tempo.

Da mesma forma, a questão de designers está sob o ponto de vista do desenvolvimento de produtos, artefatos, materiais e processos produtivos, tanto quanto as relações de uso e significado das pessoas, uma vez que os produtos, possuem funções distintas (prática, estética e simbólica), como aponta Löbach (2001) para o desenvolvimento de produtos de design.

Outro ponto que cabe ressaltar, é o fato do livro ser um artefato que se relaciona intimamente com o conceito de tempo da história, ou seja, aquele pertencente às coletividades, sociedades, Estados e civilizações, usado como referência por indivíduos de um mesmo grupo. E pelo fato de ser um artefato histórico, também nos remete ao questionamento de como vem ocorrendo o espaço de experiência, sob a perspectiva de que o tempo é o principal ator da história (PROST, 2008).

#### 4 As tecnologias e processos do livro

Para pensar e discutir as tecnologias e processos do livro, de forma que se possa ter um panorama mais abrangente, apresenta-se um conjunto de informações, que mesmo não sendo colocadas de forma necessariamente cronológicas ou obedecendo todas as épocas, poderão ajudar a entender como tal objeto passou por mudanças ao longo da história e quais as influências dessas modificações, sejam nas tecnologias, processo e materiais.

Pode-se começar com o uso do bambu ou madeira, que na China, no Séc. VI a.C., tinha como um tipo de livro, o que era chamado de jiance ou jiandu, que eram rolos de tiras finas com

inscrições. De forma, que para produzir esse tipo de objeto, os bambus eram descascados e cortados em tiras de 20 a 70 centímetros de comprimento, que podiam ser unidas com seda ou couro e enrolados em feixes (LYONS, 2011). Posteriormente (475-221 a.C.), na China, adotou-se o uso da seda, que tinha qualidades como a durabilidade e resistência, especialmente contra a humidade, mas que era mais cara que o bambu, e frequentemente, o bambu ainda era usado para rascunhos, que depois eram realizados na seda.

Então surge o papel, que pela tradição chinesa, foi desenvolvido inicialmente por um eunuco que servia à corte imperial, chamado Cai Lun, em 105 d.C., com a utilização de alguns ingredientes, como trapos, cânhamo, casca de árvore em um processo similar ao que ocorre na atualidade. Mergulhava-se as fibras na água até que se separassem os filamentos, depois, com a ajuda de uma peneira, eram retirados, formando uma trama fina, que podia ser seca, alvejada ou tingida (LYONS, 2011).

E mesmo com a grande utilização do bambu e da seda, o papel acabou sendo amplamente aceito pela corte imperial a partir do final do Séc. II d.C., que o adotou de forma significativa. Ainda assim, só chegou à Europa, através da Espanha, no Séc. XII. Mas somente com a criação da xilografia e utilização em massa, no Séc. X, que esse tipo de processo se tornou o principal meio de reprodução, após a autorização pelo imperador Ming Tsung, que reinou entre 926-933 d.C., que fez com que diversos textos clássicos, pudesse ser difundidos.

Depois o que se pode observar, são vários ciclos de desenvolvimento do livro ao longo da história, até a atualidade. Isto se torna perceptível com a criação do tipo móvel na China em 1100 d.C., mas com sua utilização popularizada por Gutenberg, somente por volta de 400 anos depois, já na Europa. Também é necessário citar a utilização do papiro, pergaminho e o próprio papel em outras partes do mundo, como no Egito, Grécia e Roma. A criação do alfabeto grego nos Séc. VI e VII a.C., que possibilitaram a escrita e leitura mais acessíveis.

Outro marco histórico é a criação da Biblioteca de Alexandria, na primeira metade do Séc. III a.C., que tinha como objetivo, reunir todo o conhecimento do mundo. Talvez este seja mais um exemplo da propensão humana à soberba, ou de acreditar que o conhecimento seja algo fixo e não algo em constante expansão. Talvez, se possa até mesmo encaixar uma reflexão mais atual, com o conceito de Bauman (2001), de modernidade líquida, a partir da ideia de que as relações, conceitos e o contemporâneo é mais dinâmico que o que se entendia em tempos passados.

Assim, em diversas partes do mundo, o livro se desenvolvia, o próprio conhecimento, se difundia, e assim, como a saturação de escritos por todas as partes em Roma e nas diversas partes do reino, e no Japão, se desenvolviam os livros sanfonados e os Contos de Genji (794-1191 d.C.). Posteriormente, tem-se também a invenção do código, que pode ser considerada uma das principais revoluções quanto ao livro e sua estrutura, como objeto. Uma das grandes vantagens do código com relação ao rolo, que demorou a ser suplantado, é a facilidade de indexação, de encontrar referências específicas, uma vez que existiam rolos com até 10 metros de comprimento, com textos contínuos, sem qualquer divisão. Com o código, devido ao uso das páginas, se tornou algo mais prático e, posteriormente, de fácil replicação (LYONS, 2011).

Um outro grande marco para a história do livro, está na Bíblia de Gutenberg, na criação da imprensa, que aconteceu na década de 1440, e contou com uma série de pessoas envolvidas no processo, que foi constituído por um conjunto de processos e invenções que vão desde os tipos móveis, os moldes, a formulação da tinta, o projeto e construção da prensa e a

impressão e encadernação em si. Tal projeto contou com a participação financeira de Johann Fust e Peter Schöfer.

Depois com o desenvolvimento da imprensa, assim como sua expansão, foi se espalhando por toda a Europa, e em 1500, já existiam 236 cidades com imprensa. E depois disso, surge a imprensa e uma série de países, como na Europa oriental, Ásia, Américas do Norte, Central, do Sul e Oriente Médio. Neste período, o que dominava eram os títulos em latim, que representava algo como 70% do que era impresso, o que contribuía para que as pessoas instruídas, independentemente de suas culturas ou nacionalidades, pudessem se comunicar, especialmente, com relação aos saberes.

Mas a partir do entendimento dos Estados que as línguas nacionais seriam melhores para se promoverem como centros do conhecimento, e por outro lado, também pode-se citar o protestantismo, que tinha como um de seus principais pontos de atenção, promover o conhecimento da bíblia aos povos, com impressões do Novo Testamento. Mas com especial atenção, pode-se citar a Bíblia de Lutero, que ocupa papel central na contribuição ao acesso do conhecimento e encarna o simbolismo presente na Reforma Protestante, de que as pessoas poderiam consultar as escrituras por conta própria e assim, baseado em um dos principais pontos desse processo, o do “sacerdócio geral de todos os crentes” (LYONS, 2011).

Posteriormente, é claro, existem diversos pontos ou períodos de experiência que poderiam ser tratados mas que, por hora, ficaram de fora dessa discussão, tendo em vista que podem ser entendidos de forma superficial, como a impressão em si, de um livro, como a conhecemos na atualidade, que vem sendo realizada de forma bem parecida com a imprensa de Gutenberg, claro, com processos e materiais mecanizados e mesmo digitais, com equipamentos que conseguem obter qualidade gráfica e de produção em larga escala. Além da qualidade que supera em muito, o que se via na antiguidade.

## 5 O livro na contemporaneidade

Os avanços tecnológicos e processuais têm modificado a forma como se interage com o design editorial, seja na hora de produzir ou de consumir. Em tal contexto, o foco deste trabalho está nos efeitos que essas mudanças têm trazido na interação e significação com o artefato. Além disso, a escolha temporal baseada no recorte entre 2000 e 2020 é importante, pois marca o período mais acentuado e marcante do desenvolvimento de aparelhos móveis que permitem a visualização e leitura de livros e demais materiais editoriais digitais.

O primeiro *e-reader* (aparelho para leitura de livros digitais, os *e-books*), foi lançado em 1999 em Palo Alto na Califórnia com o nome de *Rocket eBook*, sem expressão ou impacto imediato no universo ao qual o livro pertence, mas com efeitos que foram percebidos no decorrer das duas primeiras décadas do Século XXI. E já em 2001, a Nokia trouxe para o mercado o primeiro *smartphone*, o Nokia 9210.

Em 2005 nasce o formato *ePub* (Formato de arquivo para publicações digitais, amplamente adotado por plataformas e aparelhos de leitura) para publicação de *e-books*. Formato mais comum em *e-books* pagos e que já era usado pela Amazon, que em 2007 lança o próprio *e-reader* chamado *Kindle*, que revolucionou o mercado e a forma como a interação acontece, tendo em vista que é o mais popular do mercado atualmente.

Já no ano de 2010, aconteceu o lançamento do *iPad* pela Apple, aparelho que também trouxe uma revolução aos usuários e mercados, como o editorial, games, internet, etc. E quando este artigo é escrito, a oferta de aparelhos como *e-readers*, *tablets* e *smartphones* é imensa com

marcas e modelos diversos, o que torna o desafio das publicações cada vez mais interessante, assim como, a tarefa de entender as múltiplas possibilidades de interação e significação do livro.

As grandes editoras e lojas digitais como Amazon (FLATSCHART, 2014), Saraiva, Cultura, entre outras, já tem em seu acervo de títulos uma gama considerável de livros digitais, mas isso não acontece em editoras pequenas e médias com mais de uma década no mercado editorial. Tal receio acontece, muitas vezes, pela forma como as editoras são conduzidas, como os contratos de direitos autorais são elaborados e, por vezes, o medo da pirataria é o que freia a abertura de novos campos através dos livros digitais.

Mesmo com tais preocupações, existem diversos selos editoriais de pequeno porte que vem investindo nos novos meios de publicação, assim como autores independentes, fazendo com que as perspectivas para o futuro sejam melhores que os atuais 5% que os livros digitais ocupam no mercado editorial brasileiro, segundo a Câmara Brasileira do Livro (CBL, 2013), enquanto outros mercados têm participações mais expressivas, como será apresentado adiante.

As formas como os livros existem atualmente e os meios por onde são lidos fazem parte do contínuo desenvolvimento que vem acontecendo em seu percurso histórico. Por isso, é natural que com os avanços tecnológicos existam receios, mas podem-se verificar diversos exemplos que tiveram uma rejeição ou medo inicial, mas que com o passar dos anos, contribuíram consideravelmente para os avanços atuais, especialmente na propagação do conhecimento, tais como, a invenção da prensa de Gutenberg, prensa a vapor de Frederic Koenig (1814), do Linotipo (1884) (FREIRE, 2009), do telégrafo de Samuel Morse (1844) (FERREIRA, 2003), do computador, internet e, mais recentemente, de dispositivos móveis como *e-readers*, *tablets* e *smartphones*.

Observando as novas gerações de leitores, aqueles que já nasceram conectados, ou mesmo as gerações anteriores que tem visto a necessidade de acompanhar as mudanças comportamentais e mercadológicas causadas pelo advento de tais tecnologias, pode-se ver que o livro tem experimentado diversas dessas mudanças que o tem levado cada vez mais para o meio digital, dando origem ao produto livro digital, que será chamado daqui para frente de *e-book*, por ser a nomenclatura mais utilizada no mercado editorial. O *e-book* tem como principais protagonistas de sua ascensão, os dispositivos móveis (FLATSCHART, 2014).

Com as tecnologias móveis pode-se observar e acompanhar mais de perto essas mudanças na relação com o livro através dessas novas gerações de leitores. Os leitores das gerações "Y" e "Z" (Pessoas nascidas entre 1981-1996 e 1997-2010, respectivamente), são nativos digitais, já nasceram com as novas tecnologias incorporadas, acostumados com as tecnologias móveis, realizando várias tarefas simultâneas e em diversos aparelhos (OLIVEIRA, 2009), o que Jenkins (2009, p. 43) resolveu chamar de "convergência de mídias, que consiste na mudança das relações da indústria midiática entre tecnologias, mercados, gêneros e públicos".

Com as novas tecnologias, vieram também interfaces interativas para as telas em que o indivíduo tem a possibilidade de acessar funções e informações desejadas de forma ativa e não mais, passivamente, como nos meios de comunicação de massa tradicionais. Nesse cenário, o indivíduo passa a ser o condutor do conteúdo e assim a interação com qualquer tipo de informação ou interface se torna cada vez mais dinâmica.

Para atender às novas demandas de consumidores da informação, conectados a todo o momento, as mídias passam por um contínuo ciclo de adaptação e/ou evolução quando um

novo meio emerge. Esse processo teve um impacto profundo com o início da internet, depois vieram os dispositivos móveis e finalmente os aplicativos. Reformular a construção e a apresentação da informação do papel para o meio digital tornou-se um processo fundamental para o mundo do design editorial. Tais informações têm impactado diretamente na forma de compor e distribuir os conteúdos dos *e-books*, tais como tipografia, imagem, *grid* e quais serão as formas de interface e possibilidades de interação a que os usuários terão acesso para tornar sua experiência mais interessante e satisfatória.

## 6 O futuro do livro

A passagem do livro impresso para o digital tem grandes implicações não somente no formato e no espaço da página impressa, mas em toda a experiência que existia anteriormente em torno do livro “tradicional”, tais como o tato, o cheiro, peso, cor e tipo do papel, a possibilidade de realizar anotações, as páginas coloridas e preto e branco, etc. O livro, por ser um instrumento importante do registro de nossa história e cultura, suscita a vontade e o interesse no *e-book* como objeto de estudo e análise por diversos autores tais como: (HORIE, 2012), (FLATSCHART, 2014), (PROCÓPIO, 2010; 2014). Tais autores escrevem sobre as mudanças tecnológicas, mercadológicas e seus impactos sobre a interação entre os leitores, autores e editoras seguindo um caminho voltado aos aspectos mercadológicos e técnicos.

Seguindo nessa análise, os mesmos, deixam de abordar os aspectos da experiência do usuário no momento de interação com a interface e elementos do livro digital, e tão pouco, tratam do livro físico, ou do artefato de uma forma ampla. Dessa maneira, existe uma lacuna ainda não explorada, a qual é a área central de interesse da atual pesquisa. O livro digital na tela do *tablet*, delimitado por uma moldura, sugere que tenhamos um plano semelhante ao da página impressa. As suas páginas parecem comportar-se à semelhança das páginas físicas e seus elementos gráficos de igual maneira. Porém, esta ideia está longe de ser correta quando se olha para como acontece a interação num livro impresso se comparado ao *e-book* (MOD, 2010). Nesse sentido, as características gráficas relacionadas à diagramação como: tipografia, imagem e *grid*, têm influência na maneira com que o leitor interage com o *e-book* e isso acontece de forma diferente do livro impresso, o que será um dos principais assuntos desta pesquisa, que busca entender a relação com o livro de forma global e ampla.

Outras pesquisas de semelhante modo têm trabalhado com o intuito de entender como acontece a interação do leitor com artefatos digitais de informação como livros, revistas, periódicos, etc. Tais como: ROCHA at all (2012); GIORNO (2012); MAXWELL; LITTLE (2010); PAULINO (2012); GURSKI (2013). Porém, os autores citados anteriormente, não trabalham especificamente com a interação dos leitores com o conjunto de informações contidas nos *e-books* relacionadas à interface e elementos de design como a diagramação, tipografia, *grid*, imagem, entre outros, ou seja, os sistemas utilizados para leitura dos livros, os aplicativos, e mais uma vez, a lacuna existente com relação a significação fica evidente, gerando possibilidades de pesquisa e hipóteses pertinentes.

Assim, esta pesquisa propõe-se a caminhar e trabalhar justamente nessa lacuna relacionada à interação do leitor com os elementos já citados com o objetivo de contribuir para melhoria das relações e significações das pessoas, perante o artefato histórico e de design, que é o livro, com todas as suas características, que vão desde o assunto que abordam, os materiais dos quais são produzidos, assim como os métodos empregados, formas de comercialização, materialidade ou não, aspectos de design em si e maneiras comunicacionais do artefato.

## 7 Considerações finais

A partir do contexto teórico trazido até o momento, pode-se considerar que existe um pontapé inicial no sentido de entender como acontecem as relações entre as pessoas e os livros enquanto artefato de design, e quais os significados desta relação sob o ponto de vista dos conceitos do Design e da Semiótica. De maneira superficial, foi possível verificar a inexistência de pesquisas acerca da relação proposta aqui. De forma a existir uma lacuna referente a relação de significação do livro sob o ponto de vista dos atores envolvidos no âmbito de tal artefato.

Desta forma, uma possível hipótese de pesquisa é de que não existe clareza quanto a essa definição, ou não há de fato, pesquisas relacionadas especificamente tratando das relações de significação do livro, sob o ponto de vista das pessoas e conceitos de Design, ou da Semiótica, mais estritamente, e até mesmo, com relação aos acontecimentos e teorias historiográficas abordadas na discussão desenvolvida aqui.

## 8 Referências

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CARDOSO, R. **Uma introdução à história do design**. 2 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Design para um mundo complexo**. Ubu Editora, 2016.
- FERREIRA, P. **O jornalismo e as tecnologias de informação on-line: do telégrafo à internet móvel**. Revista Estudos de Jornalismo, Campinas, v. 6, n. 1, pp. 65-77, jan./jun. 2003.
- FLATSCHART, F. **Livro digital etc**. São Paulo: Brasport, 2014.
- FREIRE, E. N. **O design no jornal impresso diário**. Do tipográfico ao digital. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, pp. 291-310, dez. 2009.
- GIORNO. D.P.C. **Análise das novas possibilidades sintáticas e semânticas do design editorial da Revista Veja São Paulo luxo no suporte dos tablets**, PUC-SP, São Paulo, 2012.
- GURSKI, R. S. **Estudo exploratório de sistemas de navegação e interação de revistas digitais multimídia em tablets**, Dissertação, Universidade Federal do Paraná. 2014.
- HANSEN, J. A. **O que é um livro?**. Cotia: Ateliê Editorial, 2019.
- HALLEWELL, L. **O Livro No Brasil**: sua história. 3ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- HARTOG, F. **Evidência da história: o que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª reimpr. 2017. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira/Jaime C. Clasen
- HENDEL, R. **O Design do Livro**. Ateliê Editorial, 2006.
- HORIE, R. M. **Arte-finalização e conversão para livros eletrônicos nos formatos epub, mobi e pdf**. Bytes & Types Srv. e Com. Ltda, 3. ed., 2012.
- IPL. **Retratos da leitura no Brasil** - 5ª edição, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>. Acesso em: 16 fev. 2021.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2009.
- KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de

Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. Trad. Vergangene Zukunft.

\_\_\_\_\_. **Estratos do tempo:** estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto-PUC-Rio, 2014. Trad. Markus Hediger.

LÖBACH, B. **Design Industrial.** Bases para a configuração dos produtos industriais. 1ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2001.

LYONS, M. **Livro:** uma história viva. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

MARTINS, V. B. **E-books em tablets:** um estudo sobre a opinião de leitores adultos acerca de sua experiência de uso. Dissertação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 89, 2016.

MARTINS FILHO, P. **A Arte Invisível ou a Arte do Livro.** Ateliê Editorial, 2008.

MAXWELL: LITTLE. **E-book readers:** exploration and experiences, the college at brockport: State University of New York, 2010.

MOD, C. **A simpler page.** a list apart. Disponível em: <<http://www.alistapart.com/articles/a-simpler-page/>> - Acesso em: 22 dez. 2021.

NIEMEYER, L. **Elementos de semiótica aplicados ao design.** 2 ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2007.

OLIVEIRA, S. **Geração Y:** era das conexões, tempo de relacionamentos. São Paulo: Clube de Autores, 2009.

PAULINO. D. **Revistas digitais:** uma abordagem sóciotecnológica de um sistema hipermídia para tablets, 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Curitiba – PUC-PR – Novembro de 2012.

POMIAN, K. **Tempo-temporalidades.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.(Enciclopedia Einaudi, n. 29)

PROST, A. **Doze lições sobre a história.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014. Trad de Guilherme João de Freiras Pereira.

ROCHA et al. **A influência da evolução tecnológica dos dispositivos móveis no fluxo narrativo, na diagramação e na interação do leitor com a notícia:** estudo de caso da Wired Magazine, Interaction South America, 2011.

ROGERS, Y; SHARP, H; PREECE, J. **Design de Interação:** Além da Interação Humano-Computador. Bookman, 2013.

SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada.** Cengage Learning, 2018.

SNEL. **Produção e vendas do setor editorial brasileiro.** NIELSEN, 2021. Disponível em: [https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2021/05/APRESENTACAO\\_Pesquisa\\_Producao\\_e\\_Vendas\\_-\\_ano-base\\_2020.pdf](https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2021/05/APRESENTACAO_Pesquisa_Producao_e_Vendas_-_ano-base_2020.pdf). Acesso em: 17 jun. 2021.

TSCHICHOLD, J. **A Forma do Livro:** Ensaios sobre Tipografia e Estética do Livro. Ateliê Editorial, 2007.